

FILA

SINOPSE CRÍTICA

O Oscar não é mole, não. Aliás, é rijo, ereto, dourado, fascinante. Eu tenho, você não tem! O Oscar é a dura realidade. O Oscar mata a cobra, o índio, o bandido, o cavalo do bandido, as esperanças modernistas, e mostra o pau, o Jack Valente, o John Glenn, e até o general Collin Powell! Mas não é só isso, claro. Além de propriedade, o Oscar é tradição e, acima de tudo, é família: a minha, a sua, a do Steven, os Montecchio e os Capuleto. O Oscar é Pai, e tem um coração de ouro, no qual cabemos todos nós, um bilhão de filhos. Tem lugar para todos na linda casa grande. Nos dias de festa de família, vêm os primos italianos, brasileiros, japoneses, iranianos, a gente lembra com carinho daquele mal-criado do Stanley, ri das bobagens do Roberto, sempre gozador, e deixa pra lá o ressentimento com o Elia. O cinema, como sempre diz Baba Whoopi, lembrando vovô Griffith, fala a linguagem universal dos sentimentos.

Mas e a nós, na cozinha, o que resta além de assistir a festa e torcer para que o Waltinho, nosso primo rico, faça bonito? Em geral, o que faz o povo da senzala é ficar comentando a festa, elogiando os parentes que “conseguiram chegar lá” e ficar se dando tapinhas nas costas. A gente aqui da Sinopse costuma ficar num canto, tendo raiva, falando mal dos senhores e dos escravos puxa-saco, tendo saudade dos tempos em que nossos avós faziam as próprias kizombas, tinham sua própria política e até uma moeda só deles. Mas tudo bem, ninguém nos dá a mínima e segue o baile.

Esse ano a festa do Sinhô Oscar foi a mesma, mas na cozinha, apesar do orgulho pelo Waltinho, teve mais gente rabujando pelos cantos. A fofocada no canto da Folha sobre a bela vida alheia foi das melhores, começando pelo Jabor, que até ontem achava que logo, logo, a gente se mudava para casa grande e virava branco. Meio bêbado, desiludido e amargurado, o Arnaldo mandou ver:

“Como explicar que um abacaxi seja indicado para sete Oscars e provoque comoção nas bilheterias do Norte? Bem, o filme tem a receita infalível para emocionar americano: criançinha, Holocausto, miséria e cachorrinho. Este filme só não tem cachorrinho (...) eis o sinal da influência cultural invencível -os ‘nacionais’ terão de fazer filmes que caibam nos códigos e

repertórios que o americano adotou para o seu próximo milênio: realismo na trama, identificação projetiva, princípio meio e fim (...) redemption (...) Benigni adota o filme que finge que é ‘de arte’, ‘europeu’, de ‘autor’, com causas ‘sociais’ ou ‘libertárias.’ ‘Oportunismo’, ‘herança postiça do neo-realismo’, que disfarça a ‘incompetência narrativa’, ‘drama filhinho-papai’, ‘palhaçadas velozes’, ‘cenas bobas de pastelão’, ‘clichês da italianidade simpática’. Benigni suga (e trai) a grande tradição cômica de atores como Toto e Alberto Sordi! Riso grosso, sem a iluminação que a boa comédia traz. Um ‘abacaxi sedutor!’”

Bravo Arnaldo! A lucidez do fundo do copo e do poço:

“Ruiu o cinema brasileiro real, a crítica desencavando belezas do lixo geral ... Não ligue muito. Afinal, eu não passo de um romântico decepcionado, e muita gente nem sabe do que estou falando.” (FSP, 02/03/1999, Ilustrada, p. 4)

Segurando o Jabor, o Bernardo Carvalho, sempre elegante e cruel - surge um Romário da crítica! - explicitou o implícito:

“Brasil x Itália: o esperanto das lágrimas! A Vida é Bela e Central do Brasil são filmes de consenso e pacificação. Nenhum ultraje, nenhuma radicalidade. A Vida é Bela é um filme ‘bem-humorado’, ‘triste’, ‘humanista’, ‘singelo’. Não surpreende nem choca; pacífica. Não há estranhamento, mas reconhecimento enternecido. O mesmo pode ser dito de Central do Brasil, que tenta criar um ‘consenso brasileiro’. Como escreveu Marcelo Coelho há meses na Ilustrada, não há conflito social no filme.” (FSP, 21/02/1999, Acontece, p. 1)

De repente, pareceu que o lindo smoking do Waltinho tinha desaparecido e ele estava nu. Mas, como sempre, tudo bem, ninguém repara. Waltinho e você, tudo a ver. Daí o Gerald, sempre bonachão - um Brecht do cinismo! - veio com a turma do deixa-disso:

“Os críticos estão ‘inteiramente confusos’ porque o filme de Benigni é corajoso e descompromissado com o engajamento histórico. Sentados em suas poltronas, judeus, cristãos e budistas vão dar um breve passeio cômico às trevas e testemunhar, com as poucas lágrimas românticas que ainda nos restam, que a história realmente não serve para nada e que, perto da virada do terceiro milênio, ela nada mais é do que uma mera vítima de interpretações, uma fantasiosa festa de horrores, animada por seus eventuais bobos da corte. E, nessa corte de bobos que é Hollywood, é bom que Roberto Benigni seja o bobo da corte da vez.” (FSP, 10/02/1999, Ilustrada, p. 4)

É isso aí, relax. Mas bobo é você, mano. O RRRRobéérrrtto riu mais. Os donos da festa acharam as gracinhas dele uma gracinha, e na cozinha teve muita gente que ainda achou que ele, “ischschpéérrt”, “tava era tirando uma com a cara dos mané”. Quanta malandragem! (E quanto dólar!)

Aproveitando o “clima” criado pelo jogo de sombras suaves e luzes coloridas da mise-en-scène de Gerald, Giannotti, o mestre-cuca, achou que era o momento de engrossar e dar consistência ao caldo de esperanças anti-apocalípticas:

“Guido aprende que o mundo, como viu o filósofo Schopenhauer, é tanto



representação como vontade. A partir daí todo o filme se desenvolve para mostrar que por trás das combinações casuais das representações pode haver uma força de vontade que lhes dá sentido. O filme recusa o sublime vazio de Antonioni, retoma a tradição de De Sica (...) espanto diante dos pequenos desvios da vida. (...) De um lado, a vontade de viver simplesmente e com alegria; de outro, a violência que se representa como se fosse a nova ordem (...) Mas isso não basta depois que Guido, o tio e Josué, filho do acaso, são presos e, todos juntos, com a princesa mãe que se entrega por amor e vontade determinados, levados a um campo de extermínio. Agora é preciso armar as representações de tal forma que possam se contrapor à vontade organizada do mal, converter-se numa encenação que denuncie a vontade pervertida. Guido inventa então um jogo, mediante o qual traduz a regulamentação para o trabalho escravo e para a morte numa competição, onde os vencedores reafirmam sua vontade de viver e ganham de presente um verdadeiro tanque de guerra transformado em brinquedo". (FSP, 07/03/1999, Mais! p.5)

Como sempre, os argumentos do Professor são afiados e merecem uma pausa para a reflexão. A análise parece que vai ao nervo do projeto de Benigni, que aliás o realiza com total consciência: não apenas inventa uma fábula sobre a capacidade humana de transformar a realidade, assumindo as regras impostas dos jogos e subvertendo-as, mas o faz comentando, pela história de Guido, sua própria atividade de fabulista em luta/subversão com Hollywood, reproduzida novamente em sua performance "irônica" na festa. Será coincidência a semelhança com o discurso feito no Festival de MPB de 1968 (nos tempos das explicitações...) por Caetano (hoje, sem discurso, no Gugu)? Será mesmo coincidência as semelhanças de "coragem de entrar em todas as estruturas" (ou "ética da reponsabilidade"...) de Caetano-Benigni (Giannotti e Fernando Henrique...)? O preço da "dupla leitura" é a da leitura do avesso (do avesso do avesso...)...

Mas o papo continua e Maria Rita Kehl e Contardo Calligaris não se deixam cegar pelo brilho e "coragem" das auto-consciências tranquilas. Por tique de profissão, perguntam pelas obscuridades das representações. Não engolem a leitura abstrata do filme, e o vêem como figuração do drama social contemporâneo. E aí o bicho é feio. Maria Rita põe o dedo na ferida:

"O que é imperdoável no filme de Benigni é o apelo ao amor como potência salvadora em situações em que não há salvação. O filme parece uma alegoria, levada ao limite do terror, do clima mundial a que o capitalismo globalizado atirou as pessoas sem posses.

No contexto de absoluto desamparo que ameaça a todos nós, é natural que o público se comova com a tentativa patética do pai que tenta não só salvar a vida do filho como poupá-lo da angústia de saber o que se passa." (FSP, 07/03/1999, Mais! p.5)

O argumento anti-ilusionista é repetido por Calligaris (FSP, 23/03/1999) que diz ver o pai garantindo, através do filho, o prolongamen-

to da sua própria alienação e infantilidade. Tudo bem, a gente poderia pensar que é um exagero, já que Guido sabe perfeitamente contra que regras mortais está jogando (não é de graça que a grande cena do filme é a da tradução das normas do campo) e Giosué também saberá, depois de terminado o percurso. Mas, mesmo assim, porque o amor de Guido não vai além do doméstico "Bongiorno Principeza!" (o máximo do anti-facismo do casal é fugir no cavalo verde...)? Amor de verdade não é no meio da rua, no meio do redemoinho? E, principalmente: porque o jogo inventado para sobreviver ao campo de extermínio não é coletivo? Boas ou más intenções pouco importam (e muito irritam). O que vinga não é a parábola schopenhaueriana, mas o "drama filhinho-papai". Maria Rita resume:

"Em vez de tomar o otimismo bem-intencionado de Vida é Bela como uma 'lição de vida', prefiro encará-lo como sintoma do impasse criado pela cultura do individualismo: apostamos na fortaleza narcísica do eu como redudo do melhor de nós, sem atentar para o fato de que nossa humanidade depende do outro, dos outros. Os Josués do terceiro milênio precisam inventar coletivamente uma vida que seja bela, ou estarão fudados a jogar novamente o jogo macabro em que cada ponto conquistado custará o extermínio de milhares de semelhantes, digo, de adversários."

Sem tirar nem pôr. O Contardo, talvez não querendo ficar no estado lamentável e lamentoso do Jabor, diz que acha que o "nosso Waltinho" respondeu muito melhor as tais angústias ancestrais. Nesse momento, intervém o Inácio Araújo. Mas a sabedoria é tanta que o Inácio - como em outros grandes momentos seus - nos faz lembrar o Paulo Emílio, grande ausente na roda:

"Central do Brasil encantou o país menos pelo que mostrava dele e mais pelo que idealizava e, em certa medida, propunha: a regeneração nacional. Ganhando ou não o Oscar, ficará como o grande filme da era do Real, cuja as aspirações captou com muita sensibilidade (...) A patria de celulóide são sombras na tela, uma ilusão, assim como a digna pobreza que mostra o filme de Walter Salles - nossa verdade continua dolorosamente mais bem representada por pivetes assassinos, por exploradores ambulantes etc. (...) O Oscar não pode virar o FMI do cinema brasileiro: aquela porta onde batemos todo o ano, na tentativa de resolver, na emergência, os problemas que somos incapazes de encaminhar por conta própria" (FSP, 18/03, Especial, p. 8)

Da sala, ouvíamos os gritos de Benigni, "transcriando e denunciando as regras". Na cozinha, o papo morreu. Esse ano a fofoca foi boa. O Sinhô Oscar até que é gente boa, deixando a gente ficar falando mal dele, né? Mas também, a gente não faz mal pra ninguém, e só faz fofoca em dia de festa. Aliás, falar pra que? Vou acompanhar o Jabor, tudo bem. Como disse o Gaúcho, pouco antes de pegar no fuzil mara matar ou morrer: "Não vou rir, não vou falar, só vou beber". Ano que vem tem mais. Oscar e você, tudo a ver.

Leandro Saraiva

